ANO 7.º — Sexta-feira, 11 de Setembro de 1914 — NUMERO 337

O DEMOCRATA (A VENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva; Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha. . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

A guerra

Desde que sobre este momentoso assunto, que, vae para dois meses, ensanguenta a Europa, algo escrevemos, que de horrores se não vem dando, que destruição de vidas e de fazendas se não está operando, cada vez mais ameaçadoramente, prometendo num esboço terrivel, avolumar a amplitude do campo onde a morte devasta e fulmina milhares de homens numa persistencia horrivelmente tenaz!

O solo patrio da França calcado e batido por gente que o odio dum desposta contra ela assolou—e porquê? Porque a Russia, mobilisando as suas forças para se opôr ao esmagamento da sua irmã de raça—a Servia—pelo imperio Austro-Hungaro, fez com que o *Kaiser*, feroz e sanguinolento, procurando em tal situações um pretexto tão injustificado quanto infame, se arremeçasse contra a França em vez de se defrontar com aqueles que para a Alemanha e para a Austria representariam um perigo. A atitude da Alemanha, concentrando todas as suas forças na fronteira russa para assim impedir que os cossacos invadissem o seu territorio, aniquilando as suas liberdades e devastando os seus labotorios e escolas, ainda que da propria Alemanha partisse o inicio dessa situação, compreender-se-ia; mas a Alemanha deixa essa fronteira quasi desguarnecida, relativamente, e lança perto de dois milhões de homens contra a França. E' com este procésso que a Alemanha pretende vencer a Russia?!

Dir-nos-ha o barbaro imperador que sendo a França amiga e aliada da Russia preciso era aniquilar aquela para depois evitar o avanço dos russos. Mas tal argumento, já afirmado, não colhe.

A intenção feroz da Alemanha, porém, dia a dia se vae esclarecendo. O seu objectivo reaccionariamente feroz sería golpear de morte o espirito profundamente democratico da nobre França por julga-lo a origem da revolução politica que ha cêrca de vinte anos se opera dentro do seu imperio.

Em segundo logar assenhorear-se da Belgica, da Holanda e da Dinamarca para entestar numa ameaça permanente e terrivel a Inglaterra, grande país, que além de democratico, a sua influencia politica, aliada ao seu vasto poder naval e competencia industrial, tanto ensombram a autocracia e a intolerancia germanicas.

Porque afinal a guerra ter-se-ia evitado se a Alemanha, reprovando a atitude da Austria para com a Servia, aceitasse a conferencia que pela boca de *sir* Eduardo Grey a Inglaterra tanto se empenhou.

A Alemanha, porém, preferiu a guerra para a qual se convenceu apta e invencivel com um plano de campanha e de invasão longamente preparado além dum proposito maduro e audaciosamente concebido.

Contudo logo no inicio do seu sanguinario programa a Alemanha esbarrou na Belgica com a sublime e heroica resistencia do exercito desta pequena nação, hoje imensa na grandeza do seu amor patrio, defrontando-se a seguir com a energia indomavel do grande exercito francez e com a declaração de guerra pela Inglaterra, a quem os miseraveis pretenderam afastar do conflito com largas e tentadoras promessas de compensação!

Assim, á hora que escrevemos, ainda que o formidavel exercito alemão tenha atravessado a fronteira, internando-se em França, não tem conseguido, contudo, uma vitoria decisiva que o conduza a Paris onde ele a cantasse gloriosamente, antes tudo nos indica que ela caberá ao valoroso exercito francez que pela sua patria se bate num sublime e fantastico ardor.

Todos os nossos votos são pelo triunfo dos aliados acompanhando o clamor universal que neste momento condena esse facto desnaturado e monstruoso, que assola e aflige a Europa inteira.

Da poderosa intervenção da Inglaterra e da esmagadora invasão da Russia e do heroismo inexcedivel da França, resultarão, sem duvida, o bréve triunfo da Democracia contra esses dois alucinados imperadores, que ainda afirmam os seus direitos como dimanados do poder divino, esses condenados representantes duma infame autocracia.

Films . . .

Só a rir

Num pasquim lisboeta que tem por divisa—*Deus, Patria e Rei*—atreve-se o ultimo dos incoerentes em materia politica, a dizer que *um monarquico que lê o Seculo ou a Capital desonra-se e desonra a causa que defende*, sem se lembrar ou fingindo que não se lembra, a abjecta creatura que tal escreve, da ridicula figura que vem fazendo aos olhos dos proprios de quem hoje se diz correligionario e que certamente não esqueceram o passado do famoso troca-tintas para que o tomem a sério ou lhe liguem a importancia que ele julga possuir.

Teve bom mestre, porque se não haviamos de o supôr como pertencendo á escola do *Bichêsa*...

Para a historia

Noticiando o oferecimento de D. Manuel de Bragança ao rei de Inglaterra e do seu logar tenente, Azevedo Coutinho, ao sr. Presidente da Republica Portuguêsa, ambos desejosos de tomarem parte nos combates pela Patria, um jornal do distrito acrescenta:

«Para as expedições á Africa e para a mobilisação do exercito português em face da guerra Européa, teem-se oferecido muitos voluntarios portuguêses, entre eles o inteligente farmaceutico em Canélas, sr. Costa Cabral.»

Com vista ao nosso coléga *Futuro de Estarreja*.

EXPEDIÇÃO A' AFRICA

No cumprimento de um dever que a Patria impõe, estão prestes a saír a barra de Lisboa, com destino a Angola e Moçambique, as duas expedições militares que ali vão assegurar o nosso dominio colonial nesta hora de tanta comoção e incertêsa.

Vão os bravos soldados portuguêses cheios de entusiasmo e a capital deve, á hora que o *Democrata* **começar de circular, achar-se toda reunida com um só pensamento a saudar as forças que partem a defender a bandeira sagrada das quinas em longiquas paragens africanas. Com ela tambem nós estâmos; e ainda que muito afastados do ponto do embarque daqui os seguimos em espirito compartilhando das suas desditas ou das suas glorias.**

Viva a Patria!

Valentes... a fingir

Nem de proposito. O nosso colega *Noticias de Vila Real* publicava ha dias estas linhas com o titulo da epigrafe:

«Heroicos milicianos, com *furores... interinos*... de vida militar, em tempo de paz e socego, ao sentirem uma leve pitada a esturro, desatam ás carreiras, pedindo a demissão.

Constou-nos que na passada terça-feira já existiam, nada mais nada menos, que vinte pedidos de essa naturêsa. Aquilo... julgavam que era uma garotice de creançolas com barretinas de papel de jornal e cavalgando rabos de vassoura, com o abatimento de tanto em cada tostão, nos caminhos de ferro do Estado. E' dever de toda a imprensa apontar aqueles nomes á opinião publica, o que nós faremos logo que nos sejam confiados.

Um militar não tem a licença de enxovalhar a sua dignidade.

Da mesma fórma que uma farda é comum a todos, uma só alma envolve todos os peitos. E depois, um militar que se desonra, não se desonra só a si e á classe, mas ultraja a opinião publica, o incorrutivel juiz das grandes causas.

E assim darão a impressão de estarmos vivendo sob um dominio de nepotismo e não de justiça. Variam as instituições apenas no feitio... acustico?...

Não chegaria ainda uma época de moralidade, de caracter, de regeneração individual?

Não darão esses transfugas uma prova de covardia ao país?»

Garotice de creançolas! Mas porque não diz tudo colega, se os havia que exploravam ignobilmente os ignorantes negociando isenções do serviço militar com tanta ou mais semcerimonia do que se tratasse de qualquer coisa licita e moral.

Sucia de poltrões que só para gatunar se revelam habilidosos.

Administração republicana

A conta da gerencia do ano economico 1913-1914 fechou com um saldo de 5.610 contos

Em suplemento ao *Diario do Govêrno*, foi recentemente publicada a conta final da gerencia do ano economico findo realisada com as contas de cada um dos doze mezes decorridos até Julho ultimo. Por ela se vê que sendo a receita do Estado calculada em contos **75:824**, esta se elevou a **77:265** contos ou sejam mais **1:371** contos. A despêsa, orçada em **74:915** contos limitou-se a **70:340** contos havendo portanto uma diferença para menos de contos **4:275** que prefaz um saldo bruto de **6:625** contos.

Descontando deste saldo a importancia de verbas que respeitam a cértos serviços autónomos, verifica-se que:

As receitas arrecadadas foram de. . .	**67:790**	contos
As despêsas de	**62:180**	»
o que perfaz um saldo de gerencia de.	**5:610**	»

Do relatorio que acompanha este resultado final da administração financeira da Republica durante o ano economico e que o ilustre titular da pasta das finanças, sr. dr. Antonio dos Santos Lucas, assina, extraímos as palavras com que o termina e que, sendo a verdadeira consagração da obra encetada pelo sr. dr. Afonso Costa, vem justificar a sem razão que os inimigos do regimen e os seus adversarios politicos tinham quando contra ele se lançaram amesquinhando um dos mais altos serviços que podia prestar ao país.

Diz assim o sr. Santos Lucas:

«Semelhante resultado, que marca época e pelo qual a nação deve congratular-se por vêr que os seus sacrificios não são infrutiferos, é, seguramente, devido á orientação dada ás finanças publicas na penultima gerencias, ás medidas então promulgadas para dar esta ilidade ao equilibrio orçamental, a fim de evitar que este se ressinta de qualquer eventualidade, e ao progresso do país pelo desenvolvimento dos seus recursos, que tem aumentado de maneira incontestavel a riquêsa publica e, consequentemente, as rendas do tesouro. Perseverar no caminho encetado sería a norma aconselhada se as circunstancias atuaes, com as inumeras dificuldades que originam e se levantam por toda a parte, em virtude dos tragicos acontecimentos que dominam a Europa no tempo présente, não viéssem de maneira iniludivel contrariar esse proposito. As crises que se manifestam diariamente e outras que se anunciam, representam todas onerosos encargos para o tesouro, seja pela diminuição de receitas, seja pelo aumento de despêsas. Em todo o caso, por mais dificil que seja a situação, pelo que possa aparecer e que não se prevê até onde possa chegar, o govêrno não hesitará, como lhe cumpre, em atender ao que seja indispensavel, usando, contudo, da maxima prudencia para resolver as dificuldades que surjam, e defender, o melhor que possa, os interesses do tesouro e dos contribuintes, consoante as circunstancias de ocasião.»

Por isso só temos que nos congratular com o que aí fica expresso em numeros, osso que oferecemos aos bandoleiros monarquicos visto nunca terem tido habilidade senão para saquearem o tesouro, burlando o país, que até quasi á ultima suportou esse vilipendio.

Viva a Republica!

ASILO-ESCOLA

Estão na praia do Farol da Barra as duas secções do asilo desta cidade, que lá se devem conservar até ao fim do mez.

Governador Civil

Afinal o sr. dr. Augusto Gil não insistiu pela demissão do cargo que desempenha neste distrito, voltando de novo a ocupa-lo depois de ter gosado, na Guarda e em Lisboa, um mez de licença. Oxalá ao menos sua ex.ª venha disposto a não transigir mais com os inimigos do regimen se é que pretende demorar-se ainda algum tempo entre nós.

UMA EXPLICAÇÃO

E' do nosso conhecimento que tem sido aí objecto de discussões várias por parte de alguns cidadãos republicanos, um comunicado ultimamente inserto nas colunas do *Democrata* e que diz respeito á eterna questão dos passaportes do govêrno civil de Aveiro.

Acham uns que este jornal não lhe devia ter dado publicidade, outros, emitindo opinião contraria, sustentam que desde que se trate duma questão de interesse publico dela deve a imprensa ocupar-se qualquer que seja a sua côr politica e afinidades partidarias. Mas ainda não é isso bem que nos traz a terreiro porquanto sería o menos o choque das duas opiniões se não houvésse quem, malevolamente, pretenda malquistar-nos com cértos amigos atribuindo-nos uma deslealdade que não existe, como passamos a demonstrar.

No dia anterior á saída do *Democrata* procurámos no govêrno civil o sr. Luiz Antonio da Fonseca e Silva, atualmente encarregado do serviço de passaportes, tornando-o sabedor de que este jornal publicaría na sexta-feira um comunicado em que era visada a repartição a seu cargo, mas que a redacção não se tornava solidária com ele, como vería pela nota que haviamos feito para o acompanhar. Démos mesmo ao sr. Luiz Antonio alguns topicos do artigo, retorquindo-nos ele que realmente não era justo que se cobrasse o dinheiro dos requerimentos com o do passaporte isto além doutras declarações que, se para mais não servissem, tivéram a vantagem de elucidar-nos ácêrca da razão que assistia ao nosso assinante em vir a publico, como veio. Na mesma ocasião quizémos avistar-nos tambem com o sr. dr. Melo Freitas, não o fazendo por nos terem dito que se achava na Curía. Finalmente: a nossa conduta para com os empregados do govêrno civil não podia ser mais leal nem mais correcta. Responsaveis por tudo quanto neste jornal se escreva sem assinatura, o mesmo já não dizemos quanto ao que outros escrevem e assinam, embora com pseudonimo. Querem acusar-nos de facultarmos as colunas do *Democrata* a este ou a outro qualquer colaborador adventicio? Mas porque não se esse colaborador tem direito a deferencias, tanto como os que por ventura ele possa visar?

De resto, a secção dos comunicados constituiu sempre um logar especial nos jornaes cuja responsabilidade compéte **só** aos que dela se servem e a mais ninguem. Mas nós levámos mais longe, no caso presente, a nossa lealdade de amigos e republicanos—fomos até junto das pessoas que no comunicado vimos que eram atingidas, explicar a situação em que nos encontrávamos, resalvando ainda, numa nota, quaesquer duvidas que pudéssem subsistir no espirito desses funcionários sobre a sinceridade das explicações que entendemos dever dar-lhes. De nada valeu, ao que parece, o honrado procedimento que nos presâmos de ter tido em face do exposto. Não importa. Acostumados ás constantes injustiças ainda daqueles que maior numero de atenções nos devem, a nossa consciencia continua, no entanto, tranquila, tão seguros estâmos de que nunca soubémos faltar aos compromissos derivativos da missão que nos impõe o logar que, na imprensa, modéstamente ocupâmos.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Mobilisação militar

—=(*)=—

Não passou despercebido ao país que determinadas individualidades seguidas de reduzidissimo numero de jornaes, manifestassem, num cuidadoso crescendo de supostas obrigações, a necessidade de mobilisar grande quantidade de forças militares nossas, para ir juntar-se aos exercitos aliados que neste momento se batem com as tropas invasoras, ao norte da França.

A reacção que de prontos e levantou a tão intempestivos como ridiculos propositos, ainda que logo conseguisse o aplauso da opinião publica sensata, incluindo a duma grandissima parte do proprio elemento militar, não conseguiu, comtudo, desarmar em absoluto as tendencias guerreiras de quantos travam batalhas, descarregam baterias, estabelecem sitios, destroem fortalezas, aniquilam esquadras, com a penna no papel, escrevendo palavras retumbantes, que escorrem sangue, de mistura com os louros das vitorias, na tranquilidade do seu gabinete, de charuto na boquilha, chavena de café ao lado, iniciando as magnificas digestões dos seus não menos magnificos jantares!

Assim, todo o ensejo era aproveitado para ser feita a propaganda da indispensavel necessidade da mobilisação que no espirito déssa meia duzia de creaturas representaria para Portugal os maiores sonhos de gloria e de proveito, que nem a propria Inglaterra poderá pensar em fruir no final désta tremenda e pavorosa luta.

De pouco a pouco se foi insinuando no espirito publico ser a mobilisação um facto. A Inglaterra *pedira* já 60.000, 70.000 homens; em bréve o povo da capital veria esses milhares de soldados formados em interminaveis filas, bandeiras drapejando sobre as suas cabeças; scintilações fulgurantes do aço das espadas; canos luzidios das mortiferas armas nos braços das massas firmes dos brilhantes e formidaveis troços de infanteria 2; emfim, o poder invencivel, autentico e indiscutivel, metendo a um canto a decantada e já duvidosa força e valor do exercito do tirano, a quem os seus subditos conhecem pela designação de *Kaiser*.

Isto escrevia-se, afirmáva-se, levando assim até á linha de fogo, os nossos pobres soldados numa bravura tal, numa tão eloquente, indiscutivel e brilhantissima preparação militar que até não seria impossivel acreditar que fosse suspensa a batalha para com mais vagar ser admirada a competencia dos novos combatentes!!!

A' mistura: referencias á nossa historia; tropos lindissimos de retorica; periodos brilhantes de estilo!

A questão, como se vê, para os bravos guerreiros e não menos admiraveis estrategicos de *lareira*, como picarescamente são conhecidos os doentros apologistas do *auxilio armado*,, cifrava-se apenas em reunir os taes milhares de homens que a Inglaterra *precisa*, e mandal-os para o matadouro, ficando cá os da *lareira*, com o tranquilo encargo de escrever frases sonorosas e reproduzir estrofes dos *Luziadas!*

De resto—se não ha polvora, balas, viaturas, armas, cavalos, arreios, equipamentos, dinheiro e muito especialmente **o mais simples gráu de preparação militar no soldado**—tudo isso são cousas absolutamente secundarias para os nossos jovens-turcos... ocidentaes...

Acrescendo á reacção que contra tão prejudicial propaganda se ia manifestando por todo o país, o ilustre ministro da guerra interviu muito a tempo e deu-lhe o indispensavel golpe de misericordia, negando, em nota oficial fornecida á imprensa, que houvésse mobilisação alguma. Procedeu sua ex.ª muitissimo bem por todas as razões. E já que deste assunto tratamos, seja-nos permitido reproduzir uma opinião que por absoluto perfilhamos, dum antigo militar—sr. Julio Dantas—a qual vem a proposito da falada mobilisação, que apenas representaria para nós um dos mais gràves e incalculaveis desastres, sob todos os pontos de vista: patriotico, militar e financeiro.

Leia-a atentamente o publico que a não conheça:

«Sabe o que eu penso? Que se tem dito e escrito, a respeito da intervenção de Portugal na guerra européa, muita coisa excessiva, insensata e perigosa. Estão brincando com o fogo, meu amigo. E' preciso que todos aquêles cuja palavra é ouvida, recomendem moderação e bom senso. Não. Não nos iludâmos. A guerra não póde ser, neste momento, popular em Portugal. Por que não havemos de o dizer, com a nobre coragem e com a serena firmeza com que devem sustentar-se todas as opiniões? Póde a imposição dos tratados obrigar-nos, ámanhã, a mandar tropas para esse horrivel açougue da França. E' contestavel que qualquer estipulação diplomatica existente nos imponha determinadamente éssa obrigação—por que o territorio inglez não está invadido nem ameaçado. Admitamos, entretanto, que a solicitação da Inglaterra vem—e que é legitima. Não temos senão que satisfazel-a—não talvez na maxima latitude em que possivelmente fôr feita, mas dentro dos limites aconselhados pela exiguidade dos nossos recursos militares e pela consideração da nossa situação economica. Obrigados, constrangidos pelas imposições da honra nacional—sim. E' uma desgraça necessaria e inevitavel. Mas que sejâmos nós, como querem alguns espiritos exaltados ou insofridos, os proprios a insistir pela solicitação da Inglaterra, a lançar-nos deliberadamente no conflicto europeu, e a mandar um corpo de exercito portuguez para o exterminio e para a matança—isso, não. De modo nenhum. Seria uma insensatez e uma loucura. Aquêles que supõem que similhante sacrificio de vidas e de dinheiro se torna indispensavel para assegurar, na convulsiva reconstituição do mapa da Europa, a permanencia integral da nacionalidade portugueza—enganam-se. A lição da historia é eloquente. Nunca de sacrificios identicos nos veio a menor vantagem. Muitas vezes mandamos tropas portuguezas a terras estranhas—a combater pelo interesse alheio. Não recebemos em troca senão ingratidões e vexames—mesmo quando valiamos mais do que valemos hoje. Os nossos sessenta mil homens, poeira inutil numa guerra gigantesca em que as unidades humanas se contam por milhões—seriam uma sombra passageira, exterminada e esquecida num momento. E atraz déssa sombra—o que ficaria? Uma nação pequena e pobre—mais pobre e mais devastada ainda, sangrada dos seus melhores recursos e das suas melhores energias, sem os poucos braços que a emigração tem deixado á agricultura, sem uma reliquia de exercito, sem uma espingarda, sem um carro de munições, arruinada, estrangulada de sangue e de lucto, aberta, finalmente, de par em par, á Hespanha fortalecida e preparada por uma neutralidade fecunda. Quando a lucta terminar e as nações beligerantes caírem exaustas, fatigadas do seu proprio triunfo ou abatidas sob os seus proprios escombros—terão a palavra, robustas e intactas, serenas e fortes, as nações neutraes. Falarão os Estados-Unidos, falará a Italia, falará a Hespanha. Durante o somno dos chacaes, chegará aos abutres a vez de devorar. Esse momento não virá longe; é facil prevêl-o e é conveniente esperal-o. Não devemos sangrar-nos; devemos fortalecer-nos. Já não são poquenos os serviços que estamos prestando á Inglaterra, franqueando-lhe portos e abastecendo-lhe navios. Aproveitemos o momento para organisar a nossa defeza territorial, para aumentar as dotações do nosso exercito, para fabricar o material e as viaturas que nos faltam—para nos reconstituir, para nos retemperar, para nos robustecer. Se ámanhã o nosso soldado tivér de bater-se pelo seu lar, de defender palmo a palmo a sua terra—êle, pequeno e bravo, ingenno e formidavel, fará prodigios de heroismo e de temeridade, bater-se-á como um leão. Mas mandem-n'o combater, lá fóra, por uma causa que êle não intende e que não é a sua, falem-lhe nos interesses da Inglaterra, na necessidade de restituir-lhe a hegemonia comercial ameaçada, encham-lhe os ouvidos com a retorica facil da *solidariedade latina*, da *lucta da liberdade contra o cezarismo*, do *perigo da invasão pan-germanica*, da *necessidade de esmagar a autocracia teutonica*—e o nosso bom, o nosso admiravel soldado, o nosso povo tão cheio de instintivo bom senso, encolherá os hombros, desinteressado e indiferente. Bravura? Póde lá exigir-se que os povos se batam com bravura por causas que não intendem! Ah, meu amigo—quando o logar comum enerva, ainda vá; mas quando o logar comum assassina!... E depois—já reparou? A guerra deixou de ser a escola de nobreza e de bravura doutro tempo, para se transformar numa carnificina hedionda. Morre-se, em massa, quasi sem combater. A coragem individual é pouco menos de inutil. Já não ha heroes. O triunfo é do melhor aço e do melhor explosivo, da multidão mais esmagadora e da disciplina mais automatica. Trucidam-se exercitos, sem grandeza. As nações exterminam-se por hecatombes. A guerra já não é um esforço belo; é uma chacina torpe. Deixou de ser glorioso morrer; é quasi uma cobardia matar. Desgraçados dos que se batem, sem saber por quê, dos que morrem sem saber como, sacrificados criminosamente, em batalhas que são pavorosas execuções em massa, aos interesses industriaes e ás rivalidades de comercio de duas nações que se arrogam, cada uma délas, o direito de enriquecer mais depressa! Não, meu amigo. Ha o dever de não calar estas coisas. Diga isto. A guerra, como aí a querem, guerra agressiva e inutil, ridicula e funesta, não póde ser popular em Portugal. E' facil o heroismo que aconselha os outros a baterem-se. Se a nossa atitude imprudente nos fizér, ámanhã, chorar lagrimas amargas—diga que houve um velho, menos cego e menos tonto do que os moços, que as previu.»

A pesca do bacalhau

Parece não ter sido este ano muito abundante a pesca do saboroso peixe pelo que dentro em pouco se espera o regresso dos navios portuguêses que se acham nos bancos da Terra Nova de cuja flotilha fazem parte os lugres *Lucilia, Dolores* e *Anfitrite* e os hiates *Maria Luiza, Africano* e *Sofia*, todos da praça de Aveiro.

A não ser que algum cruzador alemão os encontre no caminho e faça com que a carga lhe seja entregue, de resto nenhum outro receio deve haver a que dê causa o atual conflito europêu.

A HUMANIDADE... ALEMÃ

Segundo o exposto no ultimo livro do coronel alemão Kvettschen, intitulado—*A primeira guerra franco-alemã*—vê-se que os prussianos, independente das rasões justificadoras dos seus crimes, cumprem á risca os principios prégados pelos dirigentes.

Assim, o livro citado diz: *a guerra só conhece um meio: a força. Não ha outro: a destruição, os ferimentos, a morte. E este emprego da força brutal é de regra absoluta. Quanto a esse direito das gentes, com que os advogados enchem a boca, ele só impõe ao fim e ao direito da guerra insignificantes restrições ou para que digâmos, nulas. Na guerra toda a ideia de filantropia é um erro, um absurdo pernicioso. A violencia, a brutalidade do combate não comportam nenhuma especie de limite. Se os povos civilisados não èscalpelam mais os vencidos, não degolam os prisioneiros, não destroem as aldeias e as cidades, não incendeiam as granjas, não devastam tudo na sua passagem, não é por humanidade—oh! não!—é porque preferem expoliar os vencidos, assenhoreando-se do territorio produtivo.*

O miseravel assassino que consigna com o valor da sua obra tão *humanitarios* principios, que de resto tão fielmente tem sido cumpridos pelos barbaros germanicos, tão convicto está da verdade deles que até o aplauso de Deus o bandido supõe merecer, quando escreve:

Não esqueçâmos a missão civilisadora que nos incumbe nos termos dos decretos da Providencia! Da mesma maneira que a Prussia foi fatalmente o nucleo da Alemanha, da mesma maneira a Alemanha regenerada será o nucleo do futuro imperio do Ocidente.

Querem-nos mais completos?

BRITO ARANHA

Na sua casa de Belem, deixou de existir terça-feira ultima o redactor principal do *Diario de Noticias*, Brito Aranha, que pela sua avançada edade era considerado o decano dos jornalistas portuguêses.

A sua morte foi muito sentida revestindo o enterro desusada imponencia.

Fotografia

Na parede do nosso escritorio figura já, devidamente emoldurado, um grupo fotografico que do Rio de Janeiro nos enviou o nosso bom amigo, sr. Manuel Luiz Coimbra Flamengo, e no qual se vê, além deste, muitos outros portuguêses residentes na capital fluminense, oficiaes e marinheiros do *Adasmator* e ao centro o sr. dr. Bernardino Machado, ao tempo embaixador do Brazil.

Aproveitâmos o ensejo de agradecer a Coimbra Flamengo a sua oferta que bem revela o patriotismo de que é dotado, a amisade que de longa data o prende a este jornal a que tem prestado e presta lá fóra inolvidaveis finêsas.

A guerra europêa

Recebemos o 1.º tomo duma série de folhetos que se propõe editar a conhecida *Tipografia Gonçalves*, de Lisboa, e onde o leitor encontrará notas e descrições da campanha, colécionadas e anotadas pelo sr. Ferreira da Silva, que assim nos proporcionará uma interessante resenha historica da terrivel hecatombe que está assolando a Europa inteira.

Cada tomo de 32 paginas, franco de porte, custa apenas 5 centávos o que equivale a dizer que é uma publicação ao alcance de todas as bolsas.

Muito obrigado pelo exemplar com que fomos distinguidos.

O BRAZIL DE HOJE

Fome, Miseria & Companhia

A CRISE NO PARÁ

Ainda e sempre a tragedia da fome!

Um espetaculo triste---O caldo dos pobres na igreja da Nazareth---O "avanço,, no mercado

O dever da inprensa portuguêsa—Mais patriotismo e menos politiquice

(CARTA ESPECIAL DO RIO PARA "O DEMOCRATA,,)

Tenham paciencia os leitores, e o correspondente do *Correio da Manhã* que nos perdôe pela fórma *bem cruel* como estamos tratando das coisas brazileiras. Esconder a verdade é taréfa em tudo contrária á nossa indole, porque é ludibriar patricios nossos que ainda julgam o Brazil de hoje um verdadeiro Eldonado, onde se enriquece num momento como em nenhuma outra parte do mundo...

Por isso mesmo, porque sômos, em absoluto, contrários á mentira para ser agradavel áquêles a quem a mentira póde, directa ou indirectamente, interessar, é que nos propuzémos esta taréfa em tudo patriotica e em tudo humanitária: dizer aos leitores de *O Democrata* que o Brazil de hoje nada mais póde oferecer de util áquêles que o procuram com o fito unico de melhorar de situação.

A crise, esta terrivel crise que está sendo um flagélo e um perigo para a desejada vitalidade deste grande país que tão péssimamente governado está sendo, parece estender as suas garras e, sem piedade pelas chamadas classes pobres, que são sempre, afinal, as mais prejudicadas e as que mais sofrem, está atirando para a miséria a maioria daquêles que atravessam o imenso Atlantico com a dôce ilusão de que o Brazil é um manancial onde todos vivem como nababos, felizes e opulentos, e onde a miséria não encontra guarida.

Não é outra, confessamos, a nossa taréfa, nem outros os nossos propositos.

Sômos simpaticos a esta grande terra onde se fala a nossa divina lingua, mas o muito amôr que temos pela bemdita terra que nos serviu de berço sobrepõe a todas as conveniencias e simpatías.

E' verdade que ésta nossa atitude póde acarretar-nos certos desgostos... Mas que importa se esses desgostos nunca serão, por cérto, superiores áquêles que diariamente sofrendo estamos vendo na maior das misérias centenas de portuguêses que, vivendo felizes em suas terras, perambulam por aqui andrajosos e famintos, mendigando de porta em porta para não sofrerem as agruras da fome? Mas que importa, sim, esses desgostos, se continuamente estamos sendo assaltados por patricios nossos, novos e velhos, que nos pedem humilhantemente um tostão para um café ou uma camisa para vestir?

Haverá, acaso, maior desgosto do que assistirmos, hoje e sempre, a todas as horas e a todos os instantes, a espétaculos que tanto nos oprime a alma e macula a honra dum país que tem a fama, por essas lindas terras de Portugal, de navegar em ouro?

Oh! não, não! Antes, mil vezes, o desgosto de sermos expulso do Brazil *por máu hospede*, do que assistirmos continuamente a espetáculos que estão muito, muitissimo longe, de engrandecer este falso Eldonado, onde hoje só a miséria existe com todos os seus aspectos terriveis e desoladores.

Que nos perdôe o correspondente, em Lisboa, do *Correio da Manhã*, mas a verdade é esta, com bastante mágua o confessamos.

Mentir em beneficio do país que nos hospeda para prejudicar aquele onde nascemos e que amâmos, é, sem duvida, traír o nosso patriotismo e, dest'arte, contribuir consciente e criminosamente mesmo, para a miséria dos que pensam em emigrar em busca de tesouros que não existem, a não ser na cabeça daqueles que todo o interesse tem que Portugal se despovôe—porque baniu a dinastia bragantina, proclamando a Republica.

* * *

Mas... basta de palavras; não é com élas que a verdade triunfa. E' com os factos concretos, seguros e irrefutaveis. Portanto, vamos a êles, visto não ser outro o nosso proposito desde que o bom Arnaldo Ribeiro, intemerato director de *O Democrata*, têve a amabilidade de nos ceder as colunas do seu querido jornal.

Mesmo porque são os factos que corroboram todas as nossas afirmações aqui sempre mantidas com desinteresse e amor pela verdade—por éssa verdade tão vilmente traída e menosprezada por individuos sem escrupulos que, de quando em quando, para aí vão comissionados para trazerem para o Brazil os nossos camponios, que se deixam facilmente ludibriar ante as promessas enganadoras de tão miseraveis criaturas que só procuram enriquecer á custa do suor alheio, ou antes, á custa do pobre emigrante que tudo abandona—patria e familia—para se abalançar a uma aventura arriscada, a qual, a mór das vezes, acaba em... desventura.

Em desventura, sim, porque não póde haver felicidade num país que está a braços com uma tremenda crise, como a que está atravessando presentemente o Brazil, onde as falencias são contiuuas e onde o operariado, principalmente, não ganha para as primeiras necessidades, não só por a vida estar carissima, como ainda por falta de trabalho ser grande, como aqui temos demonstrado e demonstraremos. E senão lancemos uma vista de olhos pelo que se está desenrolando no Pará, cujo **crédito chegou a tais extremos que só um louco sería capaz de empenhar alguns mil réis em transações garantidas pelo tesouro público**, como disse um diário daquéla cidade. Sim, lancemos uma vista de olhos pelo que se está passando por ali e digam-nos os tais *amigos ursos* se é humano deixar vir para o Brazil lévas e lévas de portuguêses nésta situação angustiosissima.

Não é a menor animosidade pelo Brazil que nos atira para esta campanha contra a emigração. São quadros, como o que segue, que a provocam e justificam.

Fala, pois, por nós, *A Imprensa*, do Pará, que acabamos de receber. E', portanto, um jornal **brazileiro** que mais uma vez quebra os dentes ao velhaco correspondente do *Correio da Manhã*, o porta-vós da liga monarquica, do Rio de Janeiro, jornal esse que tanto nos odeia e deprime:

«Quem ontem, á tarde, assim pela 1 hora, passasse pela avenida da Independencia, em direcção á praça Justo Chermont, notaria, a começar da travéssa 22 de Junho, um desusado movimento de pessoas do povo, principalmente mulheres, que pelos passeios de um e outro lado da rua, caminhavam em sentido contrario, formando duas longas filas ondeantes e marulhosos. Que teria acontecido? E á medida que se ia a gente aproximando da egreja de Nazaret, engrossava o numero das mulheres, entre as quaes se misturavam creanças e alguns homens tambem. E a curiosidade de quem ignorava o motivo de tanta gente assim em bando, crescia correlatamente com o aumento do movimento extraordinario. No semblante das mulheres nada havia por onde advinhar o impulso que as movia.

Não era o medo de quem foge de uma catastrofe, de uma invasão ou de qualquer outro perigo.

Tão pouco era a alegria de quem vae ou de quem volta de alguma festa publica. A unica coisa que se podia advinhar pela maneira porque marchavam, era que tinham pressa de chegar á casa.

De onde vinham, pois?

Ao chegar ao largo, a impressão que se recebia era a de se estar em frente da população de alguma vila que, fugindo a qualquer calamidade publica, viéra assentar ali, provisoriamente, os seus arraiaes.

Uma multidão enorme de mulheres enchia o largo nas adjacencias da egreja.

Que festa religiosa seria aquéla que á tal hora abalava assim a pobre gente do povo, todo aquele formigueiro de mulheres que entravam e saíam da egreja, e formavam grupos palradores, ou ficavam assentadas no sólo, á borda dos passeios á sombra das arvores, numa atitude de quem espera alguma coisa?

Era, informava finalmente alguem, a distribuição da carne sobrada dos talhos e que, por deliberação dos srs. marchantes, afim de ser evitada a *viragem*, os padres de Nazaret estavam incumbidos de fazer aos necessitados, a titulo de caldo dos pobres.

A éssa noticia, o espectaculo que antes tinha apenas o seu quê de curioso e inesplicavel, *assumia logo o caracter do mais triste e deploravel simtoma da miseria que está assolando as classes pobres da nossa população.*

Toda aquéla gente estava ali por necessidade. Tinha fome e vinha de todos os pontos da cidade buscar a esmola, filha de uma generosidade equivoca e interesseira, de um miseravel pedaço de carne com que podésse ir pôr no fogo a panela e ocorrer, assim, por sem duvida, a fraqueza propria, a dos filhos, das mães e dos irmãos.

Entre élas deviam de haver, certamente, mães e mulheres de soldados, a quem o govêrno, numa renitente teimosia de calotear o Estado, *ha 7 mezes que não paga os seus soldos* e a quem agora, por um imoralissimo contracto, está cobrando os juros uzurarios de 25 % sobre as pequenas quantias que lhes manda pagar.

E com as mulheres e parentes dos milicianos estaduaes, deviam de estar tambem mulheres e parentes de outros pequenos empregados publicos, que todos no desembolso de muitos mezes de vencimentos, se vêem *forçados a aceitar a migalha que lhes atira, num gesto de dissimulada e especuladora caridade*, os marchantes da capital.

Mas, estes não são os culpados do espectaculo deprimente para os nossos fóros de Estado, outr'ora prospero e magnifico e *hoje reduzido á mais horrivel das condições financeiras.*

. . . .

Nós estamos marchando a passos agigantados para um abismo cujo fundo não se póde medir. A *Folha*, ainda ontem, com a autoridade de orgão oficioso do govêrno, a proposito mesmo de caldo dos pobres no templo de Nazaret, chegou a dizer que *estamos em vespera de uma revolução.*

Conforme noticiamos em nossa edição anterior, reproduziu-se ontem a scena ocorrida, ha dias, de *assalto feito por populares á carne sobrada dos talhos do mercado municipal, na ocasião de ser dali transportada no carro para esse fim destinado.*

Se o primeiro assalto já revelava sinaes da gràve situação de miseria a que chegou a nossa população inferior, a reproducção dele veiu mostrar claramente que *a situação se agrava dia a dia* e *não será de admirar que ámanhã, se o govêrno não procurar de qualquer fórma acudir ás necessidades publicas, vejâmos o povo ser obrigado, para não morrer de fome, a levar mais longe os seus assaltos. E' o saque em perspectiva, é um dos males inevitaveis que a fome traz no seu cortejo de multiforme e tremenda calamidade.»*

Mas não é só *A Imprensa* que nos descreve este *cortejo de multiforme e tremenda calamidade*, é tambem um orgão amigo do governo do Pará que confessa, em um dos seus ultimos numeros chegados ao Rio, que **já se morre de fome** naquéla cidade!

Ora, estando todo o Brazil nésta tristissima situação, qual é o dever da imprensa portuguêsa? Cruzar os braços e só tratar de politiquices?

Não, mil vezes não!

O dever da nossa imprensa é mostrar a verdadeira situação economico-financeira do Brazil. Sim, é dizer ao nosso povo que, ao contrario do que resam os falsos e interesseiros oraculos, **já se morre de fome no Brazil!**

Assim, a imprensa portuguêsa cumpre o seu dever e presta ao país um relevante serviço.

Ao país e aos portuguêses.

J. Fernandes Tavares

N. da R.—Dado o atrazo de todos os paquetes a que obriga os acontecimentos que se estão desenrolando na Europa, tambem este artigo o sofre na sua publicação, do que pedimos desculpa ao nosso presado colaborador, Fernandes Tavares.

E é que não sabemos quan-

do se normalisará a situação, que tão gràves prejuizos acarreta por toda a parte, dificultando a vida mesmo nos países mais prosperos, como era o Brazil, onde tanto português tem interesses ligados e ora se acha em presença duma das maiores crises de que ha memoria.

Terrivel ano, o que atravessâmos.

Amabilidades...

—=(*)=—

Chamam a nossa atenção para um numero do orgão evolucionista, *Republica*, que se publíca em Lisboa, directamente inspirado pelo sr. Antonio José de Almeida e onde se faz lisongeiro acolhimento á nova gasêta monarquica fundada pelo ex-anarquista de la*çarote* preto que nós aí vimos no palco do teatro a arengar, furibundo, contra os assassinos de Ferrer, preguntando-nos o remetente do referido jornal se não temos nada que opôr á prosa com que se dignou receber o *colêga*.

Temos, sim. Basta transcrever o que a mesma *Republica* inseriu a 2 de agosto de 1911 com o titulo—*Canalejas*—a respeito do *artista*, que não é preciso mais para confundir os paladinos tanto da causa monarquica como do evolucionismo.

Ora leiam o tal pedacinho da *Republica*:

«Canalejas—di-lo a *España Libre*—recebeu ante-ontem Cristo filho, o mesmo Cristo que tem patenteado ao universo uma alma complexa de aventureiro e intrujão. Em Lisboa Cristo intrujou Mimi Aguglia; em Paris Octave Mirbeau e em Aveiro o proprio pae, o que é na verdade mais dificil que intrujar o Mefistofeles da lenda, que sabe todos os segredos e lê nos recantos mais ocultos das consciencias, como quem lê num livro aberto. Emfim, Cristo, filho, não intrujou ainda o papa porque não foi a Roma. Mas lá chega... Ora sucede que a *Espana Libre*, se indignou porque Canalejas recebeu Cristo, falou com Cristo e atentamente, ao que parece, escutou os discursos de Cristo. Não tem razão. Canalejas é um homem complexo. E' um homem de Estado e é um homem do mundo. E' uma criatura que conhece a vida e todas as suas molas secretas. Sabe sorrir, mesmo quando está aborrecido; luz-lhe nos olhos através dos vidros das lunetas, um brilho de piedade—e tem o coração seco como as pedras. E' um homem de Estado, um todo nada de sceptico, um correcto, com não sei quê de actor, como todos os politicos, com não sei quê de fugidio, como todos os homens de acção. E' um terreno que foge sob os nossos passos... E aí está a razão porque a *Espana Libre* não se deve indignar. Canalejas recebeu Cristo, filho, o falso, como recebera Cristo Jesus, o verdadeiro; falou com Cristo, filho, e atentamente, ao que parece, escutou Cristo, filho. Mas Canalejas não lhe apertou a mão... Esse pormenor é que passou despercebido ao jornalista da *Espana*. Não admira—porque é devéras insignificante...»

Todavia não o é tanto que não mereça agora as lisongeiras amabilidades da *Republica*.

Emfim, colégas...

Notas mundanas

A passar o mez corrente está em Anadia o nosso presado amigo, dr. Joaquim Silveira, advogado em Alcanena.

= Seguiram para a Costa Nova acompanhados de suas familias, os srs. José de Souza Lopes, Bento de Carvalho, Alexandre Alves Barbosa, dr. Joaquim de Mélo Freitas, capitão Rosa Martins e a sr.ª D. Ludovina Gamélas.

= Regressaram dali o sr. Bento dos Santos e a esposa do sr. Antonio Vilar, conceituado ourives estabelecido nésta cidade.

= Consorciou-se ha pouco com o sr. Fernando Augusto da Silva Lima, escrivão de direito em Moçambique, a sr.ª D. Aida Manuela da Cunha Serrão, interessante e prendada filha do antigo director dos correios désta cidade, sr. Eduardo Serrão.

Ao acto civil, que revestiu caracter intimo, seguiu-se um copo de agua em casa dos paes da noiva depois do que embarcaram os recem-casados para Arouca onde contam passar alguns mezes.

Mil venturas.

= Já chegou á Costa Nova o digno escrivão de direito na Guarda, nosso presado amigo, sr. Joaquim Paulo.

= Estão ali tambem o seu colêga de Vagos, Antonio Maria de Andrade Sampaio e dr. Isaac Ribeiro assim como o sr. dr. Eduardo Moura, de Eixo, João de Oliveira Fráde, digno professor primário em Fafe, Manuel Barreiros de Macêdo e Henrique Rato, désta cidade.

= Registou-se em Vagos com o nome de Maria Eduarda a filhinha recem-nascida do nosso amigo, sr. dr. Carlos Ribeiro, medico muito estimado naquêle concelho.

= De Vizela regressou ao Porto o sr. Luís da Fonseca Nunes.

= Fixou residencia em Quelimane, um dos mais importantes distritos da provincia de Moçambique, o nosso amigo, sr. Raul Ferreira Vidal, tenente farmaceutico do ultramar.

= Vimos nésta cidade o sr. Manuel da Cruz Manuelão, regedor da freguezia da Oliveirinha.

= Acha-se na praia da Torreira a veranear, o sr. José Simões da Silva, de Macinhata do Vouga.

= Para Caldélas partiu com sua esposa o nosso particular amigo, dr. André dos Reis, distinto advogado nos auditorios désta comarca.

= Fez na terça-feira anos a sr.ª D. Maria Ludovina Gamélas, a quem felicitâmos.

= A passar o mez de setembro seguiu para a Barra com sua esposa e filho, o nosso amigo sr. Antonio Felizardo, digno chefe do posto aduaneiro désta cidade.

Seu irmão, o dr. Simão José, que em Moimenta da Beira está desempenhando as funções de delegado do Procurador da Republica acha-se tambem ali, onde tivémos o prazer de lhe dar um abraço.

= Passou no dia 6 o aniversario do nosso estimavel conterraneo e amigo dedicado, sr. Francisco Vieira da Costa, activo comerciante da praça de Loanda.

Que muitos mais possa contar rodeado da sua carinhosa familia é o que sincéramente lhe desejâmos ao enviar-lhe mil parabens pelo de agora.

= Foi pedida em casamento para o sr. Zulmiro dos Santos, a sr.ª D. Eulalia da Mota Gomes, filha extremosa do sr. Domingos da Mota Gomes, proprietario e negociante na freguezia de S. João da Madeira.

O enlace realisa-se brevemente.

= Chegou á sua casa de Vagos onde conta permanecer algum tempo com sua esposa e filhos, o sr. Eugenio Ferreira da Encarnação.

= Tem passado bastante encomodado, o que sentimos, o sr. José Migueis Picado, conceituadissimo industrial aveirense.

= De passagem, visitou-nos ontem o sr. Ventura Simões Aidos, do Paço.

= Com sua familia foi passar o mez de setembro á praia de S. Jacinto, o sr. João Maria Pereira Campos, guarda livros do Asilo-Escola.

Descanço semanal

Chega-nos ás mãos um numero do jornal portuense *A Acção*, defensor do caixeirato português, onde se pretende atingir a câmara com protéstos descabidos a proposito de, em sessão do Senado, ter sido resolvido *excepcionalmente* que as padarias e estabelecimentos com artigos de confeitaria se conservassem abertos no dia 9 de Agosto por motivo da vinda da excursão conimbricense a esta cidade.

Sem querermos ser desprimorosos para alguem e muito menos para os empregados do comercio, manda a verdade que se diga que a câmara deliberando fazer aquela concessão o fez sem prejuizo para os mesmos empregados, que gosaram o descanço da mesma maneira, pois apenas teve em vista, a edelidade, assegurar aos excursionistas o indispensavel numa terra de tão poucos recursos como a nossa. Se assim não fôra concertêsa que faltas haveria, e muitas, e essas devem evitar-se quanto possivel mórmente quando se trate de receber com galhardia os hospedes que visitem Aveiro.

Neste particular não achâmos justos os reparos do jornal portuense nem os termos em que foi posta a questão por alguns dos seus colaboradores. E lamentâmos até que os caixeiros aveirenses não reconsidérem a tempo de não agravarem um conflito que razão alguma tem de ser.

PELA IMPRENSA

Atingiu o 8.º ano de existencia o *Correio de Vagos*, que milita no partido evolucionista.

Felicitâmo-lo.

O novo Pápa

—=(*)=—

Após a *proclamação* de José Neto, o imortal frei *José dos Qurações*, como elevado á cadeira pontificia, segundo um telegramma insérto num dos mais importantes diarios da capital, sem que ao menos ocorresse ao noticiarista a absoluta carencia de virtudes, qualidades e talento que o pretendido eleito precisaria para atingir aquela culminancia, o telegrafo trouxe-nos de verdade, o nome do novo Pápa, que depois duma teimosa batalha de... votos conseguira o triunfo.

E' ele o italiano Giacomo Della Chiesa, cardeal ha quatro mezes e quem, de facto, não tinha a menor probabilidade nem o seu nome figurava na lista dos mais *papaveis*.

Contudo, da intransigencia duns e do sectarismo doutros—Espirito Santo áparte, bem entendido—Della Chiesa aparece eleito por cincoenta votos sobre cincoenta e sete eleitores.

Discipulo, cooperador e amigo querido de Rampolla—que o véto do tropégo e sanguinolento imperador da Austria evitou a ascensão ao trôno pontificio na penultima eleição—o novo Pápa, que conta 60 anos, escolheu e adotou o nome de Bento, como clara indicação de qual será a sua politica como chefe supremo da egreja.

Bento XIV, foi um pápa tolerãnte, piedoso, afavel, evitando durante todo o seu reinado desinteligencias, esforçando-se com compléto resultado por conservar a paz da egreja com todo o mundo. Foram taes os resultados da sua sabia direcção, que excitou não só a admiração como até o entusiasmo dos proprios protestantes.

Escolhendo o novo pápa aquele nome, continuará, por cérto, a sua obra, aumentada com as simpatias que o pontifice pela França nutre e ainda pela manifesta antipatía pelos jesuitas que tão condenados foram pela acção de Rampolla, que o pápa atual durante 30 anos acompanhou com a mais dedicada aproximação.

Não nos enganâmos supondo que o atual pontifice afastará para longe toda essa orientação malevola de perseguição contra o espirito moderno, apagando quanto pudér o odio e a malquerença que a egreja estabelecera entre si e o universo pela intolerancia que lhe soprava a seita negra por intermedio do seu defensor e secretario do Vaticano o fanatico hespanhol Merry del Val.

E' evidente que a eleição de Benedito XV representa a reprovação absoluta do sacro colegio á politica seguida durante o pontificado do falecido Pio X.

Antes assim.

PESCARIA

Realisou-se ante-ontem na Costa Nova a primeira chinchada da época em que tomaram parte os srs. João Pedro Gomes Amador, Antonio Felizardo, Alexandre Alves Barbosa, Manuel Marta, José Teles, dr. Gomes Estima, Alexandre Amaral, José da Mota Marques, Jorge das Neves Aguiar, João Pedro dos Santos, Manuel Craveiro, João Teles, Remigio Sacramento, José Pereira Teles, Andrade Sampaio, Silverio Amador, Alexandre Coelho, Joaquim Paulo, dr. Simão José e Arnaldo Ribeiro, havendo o costumado entusiasmo sempre que a rêde varava em terra embora as mais das vezes pouco trouxésse.

Ainda assim um cesto de peixe conseguiram os improvisados pescadores levantar do rio para a *caldeirada* da noite no *restaurant* da sr.ª Antoninha Sacramento, e que tambem decorreu animada pois não lhe faltou nem a tradicional cantoría nem o dito esfusiante dos convivas a proposito de tudo e por tudo.

Ao *arroz dôce* foram lembrados muitos que, pelas suas ocupações, estão afastados este ano da Costa, terminando a *festa piscatoria* com uma serenata ao luar, que por sinal era *brilhante e belo*, como diz a trova popular...

POR VAGOS

—(*)—

Ao que nos dizem as cousas politicas de Vagos não navegam em marè de rosas.

Em primeiro logar a celebre questão dos padres a que os evolucionistas (?) chamam questão religiosa, mas que não passa duma farça ridicula e que alguns *democraticos* pretenderam resolver, parece ter encontrado um forte apoio na atual autoridade administrativa. Por isso mesmo e ainda por muitas razões o administrador de este concelho perdeu de ha muito a confiança dos democraticos que para eles não é a autoridade administrativa qne possa desempenhar convenientemente e fóra da acção partidaria a missão que, pelo govêrno, lhe foi confiada. E não se pense que da nossa parte existe o sectarismo politico que tudo confunde e enreda.

Não. Nós somos daqueles que deixâmos encher o sáco á vontade para depois de bem cheio o despejarmos. Então, já no proximo numero, provaremos com bons argumentos a acção politica desastrada da autoridade administrativa e os motivos porque não merece a confiança dos democraticos nem... da Republica.

A cultual e o administrador de Oliveira de Azemeis

I X

Ainda que por vezes pareça não justificado o titulo que desde o principio désta campanha encima os meus pequenos artigos, ha sempre, na realidade, a mais firme justificação: o que póde parecer á simples vista um desmiolado batismo, é na verdade um todo harmonico.

Para conhecer um facto não basta descreve-lo: é preciso, para a sua completa compreensão, biografar os seus comparsas, fotografar as suas condições mesologicas. Qualquer acontecimento isolado destes dois factores póde simultaneamente, segundo o capricho do leitor, representar um acto digno ou indecoroso, um feito de heroe ou de cobarde. Para evitar tal confusão é indespensavel que eu vá descrevendo os personagens que de braço dado acompanham o sr. Fernão de Lencastre, escalpelisando-lhes o seu procedimento, para que toda a gente veja bem a sua sentimentalidade e portanto a alma que movimenta a guerra contra a Cultual. Com o escalpelo da minha critica, bem afiado na observação dos factos, hei-de abrir largas brechas no arcaboiço desses *guerrelheiros patrioticos*, mostrando a pestilencia do seu intimo. Hei-de provar-lhes que a sua hipocrisia só lhes vale perante o desconhecido de hoje, que a mentira só alimenta uma vida efemera. Para aquêle que vive em contacto diario com o desenrolar dum acontecimento e que tem orgulho na sua dignidade, esses procedimentos o enojam e revoltam, ainda que dos seus olhos brotem lagrimas, banhando o tempo perdido duma convivencia amiga. Hei-de ir até ao fim, custe o que custar, pois não sacrifico o meu ideal nem o abandono ás garras felinas do interesse mesquinho déssa horda de *patriotas* que, espargidos pelas aguas-bentas das confrarias saletinas, amaldiçoam e perseguem os cultualistas, esses que pozéram em execução legal o plano das aspirações de outr'ora, desses *guerrelheiros* de quinta fechada, que uma cobardia de falsa religiosidade estrangulou entre os elos duma exploração ignobil. Esses elos serão despedaçados um a um, e o explorado, o povo ignorante, um dia ha-de cortar a chicote os que, abusando da sua crença sincéra, no seu coração bondoso lhe injectaram o odio ao seu semelhante, emquanto da sua parca algibeira lhe tiravam os ultimos seitis dum trabalho extenuante, para saciarem a sua louca vaidade.

Vou principiar pelos mais cotados na politica avançada deste concelho, pelo presidente da comissão democratica concelhia.

* * *

Desde muito tempo que este cidadão oliveirense, faz o jogo de alguns seus antigos correligionarios monarquicos, tendo a habilidade de enganar os poucos republicanos que, abandonando interesses pessoaes, luctam pela realisação do seu Ideal. Convencido de que jámais seria descoberto nesses seus jogos malabares, descuidou-se um pouco e num gesto largo de senhor omnipotente deixou afastar o manto verde e vermelho, que havia envergado num momento de despeito, mostrando a sua alma antiga.

Foi um gesto triste, mas feliz para os republicanos. Triste, porque representa uma desilusão; feliz, porque, rasgando a hipocrisia, mostrou a verdade. Viu-se claramente que éssa democracia, tantas vezes apregoada, não era mais do que um manto por calculo arranjado para encobrir um falso patriotismo.

Levou tempo a descobrir éssa traição e talvez ainda continuasse a exibir-se como um verdadeiro republicano, se a conflagração européa não o impelisse para a discussão, para esse campo de lucta onde o entusiasmo derruba as muralhas dos interesses particulares. Foi em algumas déssas lutas que êle se descompoz, mostrando a sua sentimentalidade na verdadeira nudez. Foi nesses mais encarniçados embates que ele patenteou a sua alma tentonica.

Como se compreende qne um homem assuma a responsabilidade de presidente de uma comissão republicana democratica, quando só odio tem á Democracia? Como se deve classificar um português que ambiciona a vitoria duma nação que se esforça ininterruptamente por nos roubar as nossas colonias e apagar a nossa nacionalidade do mapa dos povos livres e independentes? Como se deve designar um espirito que almeja o aniquilamento dos povos que tanto tem trabalhado e sacrificado pela vitoria do direito sobre a força? O que se deve dizer do *presidente da comissão municipal republicana democratica de Oliveira de Azemeis*, que, achando pouco a defêza da neutralidade de Portugal perante a guerra, que barbaramente assola a Europa, faz préces a dentro de seu peito pela vitoria da Alemanha?!

E' tão incompreensivel esta situação, é tão monstruoso este procedimento que eu, não me sentindo com a calma suficiente para lhe marcar o logar e a significação que de justiça lhe pertencem, o envio ao Leote do Rego, *ao dr. José de Alpoim* e ao autor das *Migalhas da Capital*, a esse triunvirato que néstas horas de amargas incertezas imediatas representam alguma cousa de nobre da alma dum povo que se orgulha da heroicidade dos seus antepassados e que não desmente a honradez dos seus compromissos, triunvirato que transmite as vibrações da alma nacional no seu mais profundo sentir através do bico da sua penna.

E' a êles que entrego a punição desse *ilustre democrata* oliveirense, produto duma edução de degenerados. São os artigos destes homens que o vão flagelar justicoiramente.

O primeiro diz no *Seculo* a 23 de agosto: *Que vergonha, que ignominia que sería, com efeito, para a Republica, uma declaração de neutralidade! E como são máus portuguêses—portuguêses talvez só no nome — portuguêses degenerados, esses por cuja cabeça passou, e creio que infelizmente ainda passa, esse afrontoso expediente! Esses egoistas, esses poltrões, ou talvez esses traidores á patria...*

O segundo, no *Primeiro de Janeiro*, de 3 de setembro, declara: *E' estupido, é máu patriota, é português que não ama nem a patria nem as instituições democraticas, quem desejar a vitoria da Alemanha.*

E finalmente o ultimo destes tres juizes, na *Capital* de sete de setembro, aponta esta grande verdade:

«Para se ser um partidario sincéro da França é preciso, pois, sentir nas mais profundas raizes do coração o amor da Democracia, é necessario ter por todas as idéas que éla sintetisa o mais entranhado entusiasmo, estremecer só com o pensar que a Liberdade póde ser calcada aos pés de uma horda em movimento e regulada pelas directivas de um estado maior, tremer de colera só ante a hipotese de que todas as sagradas conquistas do Direito pódem ser abolidao pela vontade omnipotente de um tirano.»

Mas o que é desolador ainda, é o chefe do nosso distrito escutar e atender as pretensões de comediantes désta sentimentalidade, destes traidores, destes poltrões, recolhendo as suas infamias como verdades, recuando perante as suas ameaças como reaes demonstrações de força.

Não será isto a mesma alma, espremida no mesmo esforço reaccionario, vomitando a mesma bilis?

5—IX—914.

Lopes de Oliveira
(Medico)

Centro Republicano de Angeja

Delegacia em Lisboa

Com a comissão de beneficencia reuniu no dia 3 ás 22 horas a direcção da delegação do Centro Republicano Democratico de Angeja, em Lisboa, afim daquela prestar contas da matiné realisada a 2 de Agosto, verificando-se que a receita foi de 45$10 e a despêsa 14$42 pelo que ha um saldo a favor do Centro de 30$68.

Em seguida tratou-se da comemoração do primeiro aniversario do importante ba-

luarte do partido democratico, resolvendo-se anuncia-lo com uma salva de 21 morteiros na manhã do dia 13, seguindo um bôdo, em generos alimenticios, a 30 pobres e a distribuição de vestuario a 20 creanças necessitadas da freguezia, incluindo 5 do Funtão. Tambem haverá *lunch* ás mesmas e em seguida uma sessão soléne abrilhantada com a presença de alguns elementos de valor do Partido Republicano Portuguès, que nela devem comparecer e fazer uso da palavra.

Antecipadamente saudâmos o Centro Republicano de Angeja bem como os que em Lisboa tanto têm trabalhado para a sua manutenção.

MEDALHÃO

Do sr. Francisco Antonio dos Santos, filho, afamado escultor conimbricense, recebemos uma miniatura, em barro, representando o escudo com as armas de Aveiro e Coimbra, oferta da comissão promotora da ultima excursão, á câmara desta cidade, egualmente trabalho seu, o que nos cumpre agradecer.

Necrologia

Finou-se, repentinamente, no dia 29 findo, a sr.ª D. Isaura Felix Ramos, esposa do sr. José Nunes Ferreira Ramos, com *atelier* fotografico na estrada de Ilhavo e irmã dos srs. João, Joaquim e padre Manuel Ferreira Felix.

Posto que a extinta apresentasse invulgar rebustez fisica, o desenlace de agora, tão fulminante quanto inesperado, veio pôr em evidencia o precário estado de saude da infeliz senhora a quem a morte acaba de arrebatar na primavéra da vida, sequestrando-a ao convivio do marido que, com justa razão, deplora a perda da estremosa companheira.

A ele e á restante familia o nosso cartão de pêsames.

— Com 29 anos de edade apenas faleceu tambem no dia 3 do corrente a sr.ª D. Rosa de Santa Maria Leite, filha mais velha do sr. Domingos José dos Santos Leite, comerciante estabelecido ao principio da rua de José Estevam.

Teve um funeral muito concorrido de pessoas de todas as classes sociaes e sobre o feretro foram depostas bastantes corôas e flores da familia e amigos da casa.

— Em edade avançada deixou egualmente de existir a sr.ª Vicencia Rosa de Jesus, viuva do antigo pintor José Simão, mãe do sr. João Simão e sogra dos srs. José Augusto Rebelo e Isaias de Albuquerque.

A todas as familias enlutadas o nosso cartão de pêsames.

Promoção

Está despachado para ir exercer as funções de juiz de direito na comarca da Povoação, distrito de Ponta Delgada, o nosso amigo sr. dr. Adolfo Coutinho, que em Aveiro exercia com a maior distinção o cargo de delegado do Procurador da Republica.

Felicitâmos sua ex.ª, desejando-lhe todas as venturas de que é digno.

CATALOGO

Recebemos o que a Companhia Horticulo-Agricula Portuense vem distribuindo pela sua numerosa clientéla. E' profusamente ilustrado e compõe-se de 168 paginas.

Agradecidos.

Uma comedia

Muito interessantes, sob vários aspectos, as cartas, que tivéram a primasia de serem tornadas publicas por intermedio duma gasêta suspeita, de Lisboa, e que por pertencerem a duas personagens de destaque na monarquia, aqui deixâmos arquivadas:

15—VIII—1914.

Meu querido João Coutinho:

Estimei muito receber a sua carta datada de Berck-Plage, *pois ha dias que quero escrever-lhe sobre assunto da maior importancia; não o fiz antes por temer que a minha carta se perdesse.*

Em virtude dos gravissimos acontecimentos atuaes, entendo indispensavel que o meu Logar Tenente esteja ao facto da minha opinião para a tornar conhecida dos meus amigos e lhe dar a maior publicidade em Portugal.

As circunstancias atuaes são tão excepcionalmente criticas, que devemos pôr de lado, enquanto élas subsistam, toda e qualquer ideia politica e pensar unica e exclusivamente na nossa Patria.

Devemo-nos unir, todos os Portuguêses, sem distinção de causa ou de côr politica e todos trabalharmos para manter a integridade da nossa querida Patria, quer servindo em Portugal para defender o nosso país, quer combatendo nas fileiras do exercito aliado.

E', pois, a minha opinião e o meu desejo que os monarquicos portuguezes saibam mostrar neste momento angustioso que acima de tudo põem a luta da Patria e a defêsa do solo sagrado.

Por meu lado e sempre com o mesmo fito, já me ofereci sem reservas a S. M. o Rei de Inglaterra, para tudo o que possa ser util á tradicional aliança que data de seis seculos.

Creia-me sempre, meu querido João Coutinho,

seu muito amigo

(a) **Manuel, R.**

19—VIII—1914

Il.mo Ex.mo Sr. Presidente da Republica Dr. Manuel de Arriaga:

Podendo suceder que as grâves condições atuaes da politica europeia venham exigir a conjugação dos exforços de todos os portuguezes para a defêsa da integridade do territorio nacional e do solo querido da Patria, eu venho solicitar de V. Ex.ª que pelo govêrno da Republica me seja facultado o meio de cumprir o meu dever e exercer os meus direitos de bom, verdadeiro e leal portuguez, prestando ao nosso país a continuação dos meus serviços militares, enquanto subsistir esse perigo.

Serão eles sempre modestos, mas não menos leaes nem dedicados do que foram aqueles que V. Ex.ª pessoalmente se dignou em tempos propôr no Parlamento fossem recompensados.

Escusado será afirmar a V. Ex.ª que embora monarquico convicto, e fiel sempre ao juramento prestado, de fidelidade á Patria e ao Rei, a ideia da Patria, por fundo sentimento pessoal e para me servir das nobres e recentes palavras de El-Rei, a tudo sobreleva neste momento *em que dentro como fóra do país, não deve, nem póde haver desunião entre os filhos de Portugal, monarquicos ou republicanos, mas unica e exclusivamente devem existir portuguezes, todos unidos para a conservação da nossa autonomia e da integridade do territorio nacional.*

Esperando que V. Ex.ª se dignará dar-me a sua resposta,

Subscrevo-me

De V. Ex.ª

com o maior respeito e consideração

Villa Edelneiss—R. Henri—Berck-Plage—Pas-de-Calais

(a) **João de Azevedo Coutinho**

Em resposta, o sr. dr. Manuel de Arriaga mandou dizer pelo seu secretário a este insigne patrioteiro que, *em vista de ter solicitado do govêrno da Republica que lhe seja facultado o meio de cumprir o seu dever e exercer os seus direitos de bom, verdadeiro e leal português*, entregaria, em harmonia com a Constituição, o assunto ao cuidado do mesmo govêrno afim de deliberar em conformidade com os interesses da Patria e da Republica.

Os quaes interesses dispensam bem a cooperação de cérta qualidade de gente... está-se mesmo a vêr.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Instituto Branco Rodrigues

Dai trabalho aos cegos e não esmola.

A direcção do Club de Carcavelos convidou os alunos cegos désta instituição para irem tocar piano quatro vezes por semana, na séde daquéla sociedade.

O Salão Cinematografico de Parede tambem contratou um aluno cego para ir executar a parte musical das sessões, trabalho que já desempenha ha um ano com muito agrado do publico.

Metade da importancia que os alunos ganham, pertence-lhes e a outra metade é destinada á compra de instrumentos e de musicas em relêvo, etc.

Ambos estes estabecimentos cooperam assim com o fundador do Instituto para dar realidade á divisa da sua instituição—*dar trabalho aos cegos e não esmola.*

Agradecimento

Maria Trancoso Gamelas julga ter agradecido já a todas as pessoas que se interessaram pelo seu marido Domingos Gamélas Junior, durante a grâve doença que o acometeu e bem assim áquelas que compartilharam da sua dôr por ocasião do fatal desenlace. Podendo, todavía, darse o caso de alguma falta involuntaria ter havido, por esta fórma a vem reparar, aproveitando o ensejo de não só agradecer a todos que o acompanharam á ultima morada, essa deferencia, como ainda ao sr. Bento de Carvalho a oferta da corôa que sobre o feretro depoz e ás pessoas que se dignaram assistir á missa mandada rezar no dia 29 de Agosto, por alma do saudoso extinto, tão relevantes provas da sua amisade.

Aveiro, 10 de Setembro de 1914.

Ao comercio e ao publico

Eu, abaixo assinado, declaro que nada devo á firma *Maia, Martins & C.ª, Suc.*, de Aveiro, rua do Caes n.º 15-A apesar destes senhores terem lançado um debito contra mim no seu livro de c/c a folhas 92, de 81$99,5 Escudos.

Emprazo a dita firma a que, se alguma coisa lhe devo, me intime no praso de 8 dias a contar da data presente.

Quintans, 11 de setembro de 1914.

Joaquim Simões Birrento

CORRESPONDENCIAS

Alfandega da Fé, Ferradosa, 2

Ha muitos dias que por aqui se sente uma temperatura abafadiça, quasi insuportavel. Ontem, dia da abertura da caça neste concelho, o calor foi violentissimo e quem estas linhas escreve teve ocasião de o verificar numa pequena caçada que fez conjuntamente com mais dois amigos, e que só á sua parte conseguiu abater 3 lebres, 3 perdizes e 1 coelho. Oxalá que a chuva nos faça em breve a sua visita para vêr se a terra refresca um pouco e só então se pódem fazer caçadas de coelhos o que por agora se torna impossivel devido aos cães não pegarem.

= Realisou-se no domingo passado a festividade de nosso senhor de Jesus-Alem, notando-se pouca concorrencia e menos brilhantismo nas decorações. Uma verdadeira falta de religião! Até parece que esta gentinha é toda parente do sr. dr. Afonso Costa...

A musica de que é mestre o sr. Francisco Repolho, desempenhou-se regularmente.

O pregador, um tal sr. conego Ferreira, de Bragança, não nos agradou. Nem tem eloquencia nem sonorosidade. Mas é do agrado das beatas e é quanto basta. Pois continuem as beatas e os beatões...

= No proximo domingo realisa-se a festividade do Santo Antão da Barca, advogado dos bacoros, a quem temos recomendado um de altas dimensões. Se escapar da faca havemos de exibi-lo publicamente.

= Encontra-se bastante doente o nosso amigo Manuel Antonio Rodrigues, irmão do tambem nosso amigo Francisco Rodrigues, que egualmente se acha encomodado aos quaes desejâmos rapidas melhoras.

= Sente-se encomodada da cabeça, a sr.ª D. Lucinda Rodrigues, que já fez promessa de não ir ás festas deste ano.

Pitogaio

Ois da Ribeira, Agueda, 6

Vamos interromper as considerações que vinhamos fazendo sobre a maneira como se tem comportado na administração do concelho o sr. Armando Castela, não por temermos que a pedido de *alguem* as comissões politicas e administrativas protéstem contra os nossos pobres escritos, mas porque era tenção nossa faze-lo desde que um novo rumo tomassem os acontecimentos que mais ou menos davam origem a estas correspondencias tão ávidamente lidas em Agueda.

Medo nunca tivémos de falar e por isso tambem nos não amedrontam cértos correligionários da vila principalmente os que tem pretendido vexar os republicanos de Ois que, bem unidos em ideias, apenas teem em vista cooperar na obra do eminente estadista, dr. Afonso Costa, fazendo uma politica de principios e não de corrilho como talvez a muitos conviésse. Os srs. drs. Manuel Alegre e Eugenio Ribeiro, ignoram, decérto, as afrontas que os republicanos daqui recebem a cada passo. Queremos crê-lo, porque o contrário não seria admissivel e só contribuiría para o desprestigio do partido, quiçá até para o seu desmembramento. No entretanto estranhamos que ninguem os elucide convenientemente do que se tem passado pois a eles competia julgarem os factos com imparcialidade dando razão a quem a merece. Mas... adeante.

= Ha aqui um individuo que se diz democratico em Agueda para melhor governar a vidinha, no que se arrisca a ser um dia desmascarado quando nos apanhe de pachorra.

E' só uma questão de tempo e de ocasião.

= Teve logar no penultimo domingo o batisado da filhinha do sr. Jaime Marques, guarda livros em Aveiro, a qual recebeu o nome de Dulcineia.

O acto foi muito concorrido, havendo no fim da cerimonia um lauto jantar na sua quinta de Cabanões oferecido aos convidados.

= Tem passado encomodado de saude o sr. Ricardo Pires Soares, bemquisto cidadão desta freguezia.

Desejâmos-lhe as melhoras.

C.